

Lurdes Castro Moutinho
Universidade de Aveiro
M. de Fátima Albuquerque
Universidade de Aveiro

VER, LER, ESCREVER: UM TRIÂNGULO FUNDAMENTAL NA APRENDIZAGEM

Já há alguns anos que os professores de Português notam, através das composições escritas elaboradas em sala de aula e por declarações prestadas pelos próprios alunos, que se vai verificando uma clara modificação nas preferências temáticas dos alunos. Realmente, mesmo aqueles que continuam a favorecer romances de aventuras deixam de se deliciar com histórias como as da Condessa de Ségur ou com as movimentadas proezas dos Cinco de Enid Blyton, ou mesmo com as séries do heróico Sandokan. Estas obras, que fizeram os encantos do nosso tempo de infância e adolescência, são agora postos de lado, enquanto novos tipos de heróis e novos padrões de comportamento heróico se instalam definitivamente.

Não sabemos quando esta mudança se começou a operar - e está ainda por estudar qual teria sido a participação activa de especialistas de pedagogia nesta mesma transformação, ao influenciarem os professores no sentido duma forma menos passadista de leituras e de modelos de escrita -, mas o certo é que estes textos tradicionais vão-se lentamente afastando da sala de aula, substituídos por outros que, em geral, os alunos vão privilegiando. Se, como dissemos, se torna muito difícil comentar ou especular sobre a influência generalizada dos professores, temos como objectivo desta nossa comunicação levantar algumas hipóteses que poderão explicar esta transformação do gosto infantil juvenil. Para tal, partimos duma premissa que já consideramos indiscutível: existe uma ligação profunda entre o que os alunos escrevem e sobre o que escrevem, com aquilo que lêem: e referimo-nos, não àquilo que são pedagogicamente obrigados a ler, mas antes àquilo que escolhem livremente ler. Logo, há uma clara continuidade e identidade, reveladas na escrita dos alunos, sobretudo entre a composição livre e as leituras preferidas.

Em inquéritos feitos a dois mil alunos do 7º e 8º anos de escolaridade em escolas da região centro e norte ficamos impressionadas com a homogeneidade de respostas à questão "o que mais gostas de ler?". Assim, se "aventuras" vinha à cabeça da lista, seguiam-se depois "livros científicos" e "obras de mistério". Além destas indicações, provenientes de 92% dos alunos, surgiam algumas variáveis como "obras de tecnologia", "obras de música", "História" e "viagens", representando preferências individuais.

Os títulos mais gerais, antes mencionados, representam conjuntos de obras que agrupamos por razões didácticas e que agora iremos subdividir. Assim, o tema 1, "aventuras", era especificado em "romances de aventuras" do tipo "Uma aventura em..."¹ ou "O clube das chaves"², ou "Triângulo Jota"³. O tema 2, "livros científicos", subdividia-se em livros sobre o meio ambiente, "livros sobre animais" ou "obras que falam de outras terras". Finalmente, o tema 3 é aquele que apresenta maior número de subtemas,⁴ havendo alunos que explicitam, mencionando a sua preferência por "histórias de terror", outros por "romances policiais" e outros por "histórias fantásticas".

Os alunos do 9º e 10º anos questionados parecem ter gostos mais definidos e específicos, ocorrendo, também, nesta idade de entrada na adolescência, uma separação entre os sexos: se os jovens do sexo masculino insistem em falar na sua preferência por literatura de aventuras, as raparigas apontam para "romances de amor", consumindo regularmente literatura cor-de-rosa. Em comum, estes jovens leitores mantêm o fascínio por obras científicas e por obras policiais, alargando agora o seu gosto para todo o texto que mantenha elementos de mistério e suspense. Conhecem, aliás, nomes como o de Conan Doyle e Agatha Christie e, os que não conseguem lembrar os autores, identificam sem dificuldade as respectivas personagens-detectives: Sherlock Holmes e Poirot.

Toda esta uniformidade de temas levou-nos a procurar o condicionante dos gostos juvenis ou, pelo menos, o seu traço uniformizador. Verificada também a paixão colectiva pela imagem, não foi difícil percebermos a influência decisiva da televisão.

Realmente, poucos alunos parecem ter contacto regular com outros meios de comunicação social: jornais quase não lêem; revistas, só as relacionadas com interesses pessoais, como revistas de computadores ou de rock ou de desportos. Alguns dos jovens provenientes de famílias de classe média-culta disseram ler, nas revistas ou jornais normalmente comprados pelos pais⁴, um ou outro artigo sobre sexo ou sobre acontecimentos internacionais, quando a apresentação gráfica era devidamente aliciante ou então quando se reportava a algum evento largamente comentado. Mas com a televisão o relacionamento dos alunos é muito diferente, já que é clara a familiaridade do todo o lar português com esse meio audiovisual. Aliás, a maioria dos nossos jovens já cresceu acompanhada pela televisão, que entrou nas suas vidas na primeira infância e que agora, na adolescência, lhes serve de

1. "Uma Aventura em ..." colecção de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, publicada pela Caminho é extremamente popular entre os jovens.

2. "O Clube das Chaves" de M^o Teresa Gonzalez e M^o Rosária Pedras publicado pela Verbo é uma série de romances de aventuras.

3. "O Triângulo Jota" de Álvaro Magalhães é publicado pela Asa.

4. Os alunos referem-se, frequentemente, ao Expresso e ao Público.

distracção e infelizmente, com frequência, sobretudo nos grandes meios urbanos, de companhia.

Na última década, a televisão ainda se tornou mais fundamental, visto que, como anunciam 62% dos alunos inquiridos, a aquisição em muitos lares de um videogravador condicionou simultaneamente os gostos cinematográficos. Este factor reforçou, aliás, o elemento "aventura" da experiência dos alunos, pois, segundo estatísticas da revista *Proteste*, 2/3 dos filmes emprestados pelos clubes de vídeo nacionais são "filmes de acção", muitos deles com elementos de sexo e violência desnecessariamente reforçados. Por tudo isto, a televisão vai dominando a vida dos alunos, não tendo qualquer competidor no campo dos mass-media e também não sendo ensombrado no seu domínio por qualquer simples livro de aventuras.

Múltiplas provas podiam ser referidas, atestando esta influência mas a menção de um pequeno episódio, ocorrido em sala de aula, revela como os programas de televisão ocupam um espaço de aquisição de saber tradicionalmente concedido ao livro. Na altura em que passava no pequeno ecrã a excelente série de Carl Sagan "Cosmos", não só os alunos a discutiam frequentemente entre si, mas também, na resposta ao questionário sobre as leituras, referiam que tinham lido o livro "Cosmos"⁵ e alguns foram mesmo ao ponto de acrescentar que "Cosmos de C. Sagan tinha sido o livro de que mais tinham gostado". Em conversa posterior com os alunos, descobrimos que raros tinham lido a obra; antes, que estavam a acompanhar apaixonadamente a exibição da série televisiva. A explicação, fornecida por um dos alunos, com a maior transparência e que passamos a citar, parece-nos comprovar que não houve uma intenção deliberada de defraudar: "afinal não é a mesma coisa? O que é preciso é aprender!... Se calhar, se lêssemos o livro era uma grande "seca" e ver na televisão foi muito giro!...".

Esta justificação comprova uma substituição clara de fontes de saber, em que o livro deixou de ser dominante e a mais aliciante, ao mesmo tempo que aponta para uma função didáctica da televisão em geral. Se, pessoalmente, conhecemos as limitações do argumento apresentado, sabemos também que, como educadoras, nos compete explorar a nova "arma" que este meio audiovisual nos coloca nas mãos, e não partir do preconceito que a televisão é sempre nociva. Sobretudo, porque ela já se encontra, em grande força, nos textos escritos dos alunos. Vejamos alguns exemplos, começando pelas estruturas globais das composições, sobretudo as de tema livre.

5. O livro, publicado pela Editora Gradiva de Lisboa, veio a lume enquanto a série ainda estava a ser transmitida pela televisão.

A maioria das composições feitas em sala de aula ou como trabalho de casa são constituídas por textos narrativos e, uma boa parte delas, revela uma organização interna e mesmo alguns pormenores que demonstram a influência das telenovelas brasileiras. Assim, as personagens, fulcro da acção dividem-se, muitas vezes, em "os bons" e "os maus": "os bons" são heróis e atigem no desenlace a felicidade merecida, depois de uma série de peripécias em que a sua bondade, inteligência e coragem foram sucessivamente testadas; "os maus", depois de mais que comprovada a sua maldade, foram submetidos ao merecido castigo e, no final da história, ficarão loucos, sós ou irão perder a vida. Esta presença de rótulos morais, que documenta uma visão maniqueísta da vida, é geralmente acompanhada duma mensagem de triunfo constante do amor, e, em consequência, os alunos falam com maior à-vontade de amor físico, referindo sexo com a mesma frequência com que nos aparece no pequeno écran. Outro elemento novo, culturalmente surpreendente em alunos portugueses, mas muito comum em telenovelas, é a referência explícita, em composições examinadas, de distinções sociais, ao ser relatado o casamento entre uma personagem pobre e outra rica, sendo esse facto frequentemente explicado como consequência da vontade de ascensão social. Este elemento sociológico é muitas vezes reforçado pelo aparecimento de outras personagens capazes de tudo para subir na vida, em conflito com outras que revelam fortes princípios morais e se recusam a abdicar deles.

Também vimos encontrando, em composições nos últimos cinco anos, uma maior variedade de nomes das personagens integradas nas histórias elaboradas pelos alunos: os António, Zé, Manel, Joaquim começam a ser substituídos por Walter, Marcos, Vanderlei ou Narciso; as personagens femininas, por sua vez, deixam de ser Maria, Conceição, Lurdes transformando-se em Gabriela, Marina ou Lucimar.

Também nos diálogos entre os personagens surgem frases, onde o léxico e a construção morfo-sintáctica revelam uma franca influência brasileira. Esta verifica-se, sobretudo, a nível da colocação e utilização das formas casuais dos pronomes pessoais; do uso das preposições; da construção aspectual e do emprego do verbo "ter" em vez de "haver".

Frases do tipo "desculpe-lhe incomodar, mas preciso que me ajude" (aluno do 8º ano), "eu deixo-lhe estar aqui" (7º ano) ou "me disse a verdade" (7º ano) são muito frequentes. São também frequentes construções do tipo "ir na casa de", "estar vendo" e "ter muitas pessoas que". A mesma influência aparece no emprego da forma verbal "desculpa", coloquialismo brasileiro, na qual a flexão, quer a nível do número, quer a nível da pessoa verbal, não se realiza: "pronto, desculpa, não lhe digo mais nada". Neste sentido, será de referir também a banalização da forma coloquial "a gente" na posição de

sujeito, seguida da 1ª pessoa do plural do verbo: "a gente vamos para casa, João".

Mas as composições infantis revelam também um alargamento do léxico, sendo introduzidas nos textos expressões que não são identificadas como pertencentes ao Português europeu. Citamos como exemplo o caso de "peona" (feminino de "peão"); "paletó" (casaco de linho branco); "astral" (com o sentido de "estado de espírito"); "fossa" (significando "depressão"); "curtir" (com o sentido de "gozar").

Um outro tipo de enriquecimento do texto escrito produzido pelos alunos surge quando eles fazem a transposição de algumas estruturas internas dos filmes de aventuras, criando composições em que as acções se sucedem com grande dinamismo. As personagens agem constantemente e o elemento aglutinador de todos esses eventos é a presença do "suspense", muitas vezes manejado com grande perícia por estes jovens escreventes. Como exemplo, transcrevemos o começo de um texto de uma aluna do 9º ano: "Marina tinha a certeza que o tinha visto, quando o carro passara, naquele dia de chuva, em frente daquela montra, na vila. Vira-o só de relance. Uns segundos apenas... Vira-o através da chuva. Era tão bonito!... Marina tinha de voltar lá para o ver outra vez. Se pudesse, se não fosse muito caro, para o comprar. Mas antes precisava de ter a certeza de que era igual. É que nunca mais voltara a ver nenhum. A Avó costumava dizer-lhe que não era uma raridade, mas ela, desde os tempos distantes em que passava as férias em casa da Avó, não voltara a ver um assim".

Mas foi a paixão por programas científicos televisivos que mais se reflectiu directamente na sala de aula, sobretudo porque desbloqueou a elaboração do texto descritivo feito pelos alunos. Realmente, até há uns cinco anos atrás, os alunos, sempre que possível, produziam textos narrativos, e, quando tinham obrigatoriamente de elaborar textos descritivos, revelavam uma fraca capacidade organizacional. Nos últimos anos, porém, e cada vez mais, um maior número de alunos surge com textos descritivos, mesmo em exercícios tradicionalmente baluarte do narrativo, como acontece com a chamada "composição livre". Dentro dessas composições livres, as categorias mais afectadas são "o retrato" e o texto imaginativo, logo que o professor pede ao aluno para dar asas à sua imaginação. Se, à primeira vista, esse tipo de texto parece ter muito pouco de comum com textos científicos, é porque ainda não reflectimos sobre as possibilidades implícitas deste tipo de exercício. No entanto, os alunos aproveitam-no, encaminhando-o para os seus interesses pessoais. Assim, no retrato, diversos alunos, em vez de descreverem pessoas que amam ou animais domésticos, como vinham fazendo, usam agora um procedimento de alargamento de tópico que lhes permite falar de animais selvagens e de outros assuntos da natureza. Para tornar mais clara a nossa argumentação, exemplificamos com um texto de um aluno do 7º ano de escolaridade: "O animal que

eu mais gosto é o leão, também chamado o "rei dos animais". O leão vive nas savanas africanas e normalmente vive em grupo. Desde a altura em que se torna adulto que marca um território e qualquer outro leão que apareça tem de o desafiar para um combate. O leão não caça. Quem caça é a fêmea, a leoa (...)" Seguem-se diversos hábitos do leão, seu relacionamento com o homem, etc..

Quanto ao texto prioritariamente imaginativo, também este sofreu uma clara evolução, sendo agora frequentes as composições em que, em vez de o aluno se refugiar em qualquer acontecimento da infância, perdido no tempo e no espaço, recorre à História ou à Pré História, dando-nos uma descrição de factos científicos. Para exemplificar esta nossa asserção, transcrevemos o começo de um texto elaborado por uma aluna do 8º ano: "se eu pudesse escolher a época em que queria viver, iria para o tempo dos dinossáurios. Apesar de saber que muitos daqueles gigantes eram carnívoros, como o *Tyrannosaurus*, sei também que havia alguns mansinhos, como o *Iguanodon*. Outros deles, tinham o corpo coberto de placas ósseas para se protegerem dos mais ferozes e, apesar de assustadoras, essas placas só eram defensivas: o *Triceratops*, por exemplo, só era perigoso se fosse provocado, como hoje acontece com os rinocerontes (...)" E a aluna continua falando das diferentes classes de dinossáurios e da inserção do homem nesse mundo pré-histórico.

Se este tópico dos dinossáurios foi uma paixão que atingiu os alunos em todos os níveis do Básico, só tornou ainda mais óbvio o alargamento lexical revelado pelas nossas crianças em idade escolar, que parecem sentir-se cada vez mais à-vontade com a linguagem científica. Na nossa opinião pessoal, esta converteu-se numa muleta de fácil uso, para a organização das composições, pois, dominado este tipo de vocabulário específico da Biologia ou da História, ou das Ciências Ambientais, o texto pode ser construído com frases simples, sem grande elaboração no nível do sintáctico ou de semântico.

Para concluir, voltamos à hipótese do começo desta comunicação que fomos exemplificando na medida do possível, afirmando que a televisão incentivou a paixão pelo mundo circundante revelada por muitos jovens. Através deste meio de comunicação os nossos jovens adquiriram também familiaridade com os factos da vida em geral, perspectivada no espaço e no tempo, a qual mudou as preferências de leitura dos alunos e, como consequência, alterou as temáticas privilegiadas da sua escrita, assim como as formas de expressão linguística.